

QUEM MANDA NO MUNDO? AS GAROTAS?!: ATRAVESSAMENTOS ENTRE *CORRA, QUERIDA, CORRA* E O AFRO-SURREALISMO¹

Marília de Orange²

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura do filme *Corra, Querida Corra* (2020), de Shana Feste, relacionando-o ao Afro-Surrealismo. Sugiro que a referida obra se utilize da abordagem afro-surreal como uma estratégia subversiva que busca dar visibilidade a narrativas sociais marginalizadas. A partir dessa chave, proponho que o longa-metragem utilize o insólito – e suas facetas –, juntamente com o realismo sensorial (Elsaesser, 2015) na construção do seu onírico aproximando-se da abordagem afro-surreal.

Palavras-chave: afro-surrealismo; insólito; onírico.

WHO RUNS THE WORLD? THE GIRLS?!: CROSSINGS BETWEEN *RUN, SWEETHEART, RUN* AND AFRO-SURREALISM

Abstract: This communication proposes a reading of the film *Run, Sweetheart, Run* (2020), by Shana Feste, relating it to Afro-Surrealism. I suggest that this work uses the afro-surreal approach as a subversive strategy that seeks to give visibility to marginalized social narratives. Based on this key, I propose that the feature film uses the unusual – and its facets –, together with sensory realism (Elsaesser, 2015) in the construction of its dreamlike image, approaching the afro-surreal approach.

Keywords: afro-surrealism; unusual; dreamlike.

Saudações a todas as bocetas
Mais peitos, menos tretas
Já perseguem nossos rabos como animais famintos
Presas em labirintos, fugindo no instinto
(Ressalva. Laysa, 2016).

Introdução

Cherie é uma mulher negra, trabalhadora e mãe solo. Essa é a realidade de muitas mulheres pelo mundo afora. Ela recebe do seu chefe a tarefa – uma obrigação irrecusável – de jantar com Ethan: um homem branco, rico e importante cliente da firma na qual trabalha. Mesmo desconfortável com a incumbência, a jovem se vê pressionada a aceitar. Mais uma vez, a realidade feminina numa sociedade patriarcal é escancarada. E isso é só o começo do filme. Detalhe: ela está menstruada e sem absorvente.

¹ Trabalho apresentado no XXVI Encontro SOCINE na sessão: Estudos do Insólito e do Horror no Audiovisual.

² Professora de comunicação, com ênfase em arte, cinema e fotografia. Mestre e doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mdeorange@gmail.com.

O ponto de encontro é na casa do rapaz e o jantar é no melhor restaurante japonês da cidade. No decorrer da noite, a simpatia e a educação de Ethan conquistam a confiança de Cherie, fazendo-a baixar a guarda. Após muita hesitação, a jovem mãe decide aceitar o convite para esticar o bate-papo – conversar não arranca pedaço (?). Eles entram pela porta principal, a câmera faz menção de acompanhá-los. Contudo, Ethan faz sinal para que ela parte. Ela obedece. Cherie está por conta própria.

Nesse momento somos mergulhados no silêncio. A porta se fecha e a câmera – lentamente – vai se afastando dela. Só nos resta o som. O ruído, o barulho e gritos. Ouvimos sons que nos sugerem uma briga corporal. Eles vão aumentando de intensidade como se estivessem se aproximando. A porta se abre e vemos Cherie visivelmente machucada, saindo em disparada. É nesse momento que começa a sua jornada para sobreviver a uma caçada frenética onde ela é a presa de um monstro que fareja sangue.

E ainda é o começo do filme. *Corra, Querida, Corra* (2020) é um longa-metragem, assinado por Shana Feste, que busca dar visibilidade. Transitando entre os gêneros cinematográficos – suspense, terror, horror e thriller –, a referida obra intenta dar protagonismo a uma temática historicamente invisibilizada: como é ser uma mulher numa sociedade patriarcal impregnada pela misoginia, violência e cultura do estupro.

O projeto de dar visibilidade às narrativas e temáticas historicamente invisibilizadas é um dos pilares estruturais do Afro-Surrealismo. Essa abordagem artística reflete sobre o mundo social daqueles que estão às margens e possui raízes no pensamento de matriz negra que busca transformar a realidade. Ele “pressupõe que, além deste mundo visível, há um mundo invisível lutando para se manifestar” e a sua proposta é “revelá-lo” (Miller, 2009).

A partir da concepção ontológica da abordagem em questão, analiso o filme *Corra, Querida, Corra*. Percebo elementos que os conectam. Através de uma análise fílmica, busco aproximar o longa-metragem às proposições do Afro-Surrealismo, tentando compreender como o insólito e o onírico são articulados nessa construção e refletindo sobre possibilidades de uma composição cinematográfica focada nas sensações.

Contemple o invisível!

Enquanto o leão não aprender a contar suas histórias,
as vitórias da caça serão sempre do caçador
(Provérbio africano).

Contar histórias é uma forma de se vestir com o manto da visibilidade. Lembro de quando meu avô juntava todos os netos ao seu redor para ouvir suas aventuras políticas, acadêmicas e familiares. Nesses momentos tudo parecia orbitar em torno dele e de suas histórias tocantes. Era assim que ele resgatava a memória para nós – a nova geração. Walter Benjamin (1987), explica como esse ato de narrar – a narrativa – está diretamente ligado à construção da nossa experiência enquanto indivíduos: é um processo de comunicação coletiva que transmite/compartilha a memória. Mas quem é que tem o direito de contar (suas) histórias?

O Afro-Surrealismo parte desse questionamento. É uma abordagem artística que nasce durante a segunda metade do século XX e renasce no início do século XXI – com o lançamento do *Manifesto Afro-Surreal* (2009) (Jackson, 2019). Sugiro que ele se constitui através do cruzo de diversas expressões artísticas, mas não se define como um subtipo da vanguarda surrealista, além de ser embebido pelo pensamento interseccional e decolonial.

Ele possui sua autonomia e mobiliza “as técnicas estéticas” para tornar visível “a experiência particular de ser negro” e, que na minha opinião, a partir da análise do seu manifesto, também se estende às comunidades ágio-americanas, latinas, mulheres e queer, “expressando as condições surreais com as quais” aqueles são postos à margem precisam lidar diariamente (Jackson, 2019, p. 01).

Sua proposta busca refletir sobre a Passagem do Meio, a práxis fundamentada no pensamento e na prática colonial, e as reverberações desse sistema mundo através da “sustentação ou recuperação de memórias culturais” e das narrativas subalternizadas e marginalizadas (Spencer, 2020, p. 05). Versátil, pode ser observado na música, na literatura, nas artes visuais e no audiovisual, demonstrando “como um povo pode desenvolver formas opostas e revolucionárias de pensar e interagir dentro de uma cultura maior” (Spencer, 2020, p. 07).

“O Afro-Surrealismo é uma não-teoria que acolhe teorizações” (Francis, 2013, p. 210). Trata-se de uma abordagem artística que tem como norte se desvincular da visão cartesiana do mundo ocidental, desatar a venda da lógica racional que estrutura o nosso olhar, opor-se às lógicas culturais de dominação e trazer visibilidade aos corpos que são jogados à margem.

A proposta é travar uma batalha no campo da cultura através do resgate e da (re)construção das narrativas dos corpos invisibilizados. Essa perspectiva aproxima-se da noção de desobediência epistêmica (Mignolo, 2008). Realizar produções que busquem se opor, de alguma forma, à hegemonia, exaltando as experiências gestadas à margem. Trata-se de uma estratégia subversiva dentro da construção de vida e de conhecimento diante de um sistema opressor.

Essa noção está inserida no pensamento decolonial: corrente do conhecimento que busca se desprender da imposição de uma lógica posta como única – associada à modernidade capitalista

e ao legado colonial – que molda as relações de poder, saber, ser, sentir e ver no mundo. Trata-se de uma perspectiva que propõe um alargar dos horizontes, lançando-se na pluralidade de vozes e caminhos que o conhecimento possui.

Destaca-se pela tentativa de resgate, preservação e manutenção da memória, da narrativa, dos saberes e dos afetos gestados nos povos subalternizados e marginalizados. Ele adota a chave *modernidade/colonialidade* como ferramenta de compreensão e análise da realidade. Acredita-se que a “globalização em curso” – e a modernidade – “é [...] um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado” que se estabeleceu “como um novo padrão de poder mundial” (Quijano, 2005, p. 117).

Sendo assim, a decolonialidade percebe o quanto a sociedade contemporânea – sua construção de conhecimento, sua cultura, seus afetos, subjetividades etc. – são permeados pelo legado colonial e como a transformação da realidade exige que essa questão seja enfrentada. Seu projeto busca identificar os tentáculos visíveis e invisíveis que oprimem aqueles que são postos à margem, além de resgatar e exaltar seus saberes e afetos como uma forma de luta e reexistência.

Trata-se de uma proposta crítica emancipadora que tem o intuito de compreender e desafiar as estruturas que historicamente perpetuam a dominação – e toda a sua violência –, além de abrir espaço para a construção de um conhecimento mais justo e inclusivo. Ao conhecermos a perspectiva decolonial, fica notável o quanto ela está impregnada nas estruturas afro-surreais.

O conceito de desobediência epistêmica está fundamentado na noção de *desprendimento epistemológico* de Anibal Quijano (1992). Trata-se de um entendimento que aponta para a necessidade de um desencantamento epistêmico – um desvincular-se – em relação a determinadas escolas do conhecimento pautadas pela lógica eurocêntrica – e, por tanto, marcadas pela colonialidade e toda sua violência.

A desobediência epistêmica trata-se de uma estratégia transgressora de luta e reexistência frente a uma cultura marcada pelo hegemônico e pela opressão ao Outro, destacando a necessidade do resgate e a manutenção dos saberes gestados na fronteira. Não se limita a ser uma crítica teórica, coloca-se como um chamado à ação.

Além de fomentar o resgate e a construção dos saberes historicamente roubados e apagados pelos opressores, também estimula o uso das ferramentas da matriz de dominação – que são impostas desde a invasão das Américas – de forma transgressora, desafiando suas estruturas. Seja desobediente!

Essa noção não se contenta apenas em propor uma resistência, ela também se coloca como um instrumento de enfrentamento e transformação ativo da narrativa dominante. Trata-se de um conceito que através da valorização das perspectivas marginalizadas e subalternizadas não apenas

desafia a ordem social vigente, como também contribui para um entendimento mais rico e inclusivo da realidade.

O Afro-Surrealismo tem como norte a desobediência – estética e narrativa. Lutar e disputar através da linguagem. Isso se aproxima da proposta lançada por bell hooks (2019): “A linguagem também é um lugar de luta” (2019, p. 282), pois somos seres “entrelaçados com a linguagem” e nela vivemos “uma luta, ainda que oprimida, para nos recuperarmos, para reconciliar, reunir” e “renovar” nossa existência (hooks, 2019, p. 283-284).

Rochelle Spencer (2020) explica que o audiovisual Afro-Surreal é marcado pela apropriação da linguagem cinematográfica como uma ferramenta estratégica para travar uma contínua luta contra as opressões. Trata-se de um projeto que percebe a importância do domínio da linguagem visual e audiovisual, percebendo-as como ferramentas de transformação e transgressão.

Existe um tipo de dominação que se dá através das imagens (Debord, 2003). Elas também são um espaço utilizado para construir e perpetuar estereótipos, imagens de controle, violências e apagamentos sistemáticos. Através das disputas no campo da linguagem, os povos subalternizados e marginalizados podem (re)construir suas memórias coletivas ao tecer suas narrativas enquanto encruzilhadas de saberes e experiências próprias.

Trata-se de obras que, através de histórias socialmente relevantes, examinam “eventos estranhos” – atravessados por uma perspectiva racial, subalterna, interseccional e decolonial –, onde “a jornada pessoal e psicológica de um personagem torna-se uma rejeição” ao “racismo”, à desigualdade, à opressão e às “ideias ocidentais de temporalidade” (Spencer, 2020, p. 08).

As teias afro-surreais em *Corra, Querida, Corra*

A meta é não ter donos ou senhores
Seus rebanhos e ovelhas confundem ladrões com pastores
Do latim, pecatus, transgressores
Na caminhada do fácil caminho
Ônus coroa de espinho, filhos negligenciam ninhos
Minha vivência confronta, o seu dedo me aponta
Enfrentando suas guerras, armas são sequelas
E lá vem elas, e lá vem elas

Diamantes lapidados têm valores infinitos
Que agregam e somam sem alimentar atritos
Persuasão, razão, constrói nação
Dentro do nosso mar vermelho não

Não passarão, não passarão, nem
Dentro do nosso mar vermelho não
Não passarão, não passarão, não passarão, nem
Dentro do nosso mar vermelho não
(Mar Vermelho. Laysa, 2016).

As vezes ser mulher pode ser uma experiência surreal e assustadora. Inúmeras são as violências que vivenciamos. Das menores, às mais humilhantes. *Corra, Querida, Corra* parte desse lugar e emerge como uma obra de caráter provocador que busca dar visibilidade ao invisível que atravessa – laça, aperta, prende e imobiliza – a vida das mulheres: a misoginia – nossa de cada dia – e toda a sua cultura de violência e estupro.

Percebo aspectos que aproximam o referido longa-metragem da abordagem artística afro-surreal. A busca por dar visibilidade ao invisibilizado é um dos principais. Esse atributo está alinhado ao propósito maior que pauta o Afro-Surrealismo: o projeto de *tornar visível o invisível* (Miller, 2009) que permeia a vida dos historicamente oprimidos.

O filme procura materializar o terror – que sobe frio pela coluna, aperta o coração e trava a garganta – que nós mulheres sentimos simplesmente pelo fato de sermos quem somos. Terror que se potencializa e materializa quando nos deparamos com homens descaradamente violentos e abusadores. Medo de estar em ambientes onde a presença predominante é a masculina. Medo de andar sozinha na rua – principalmente à noite. Medo de ser simpática demais e “dar motivo” ou soar demasiado agressiva e também “dar motivo”. Medo, medo, medo...

A caçada de Cherie também é a nossa. Mulheres são mortas todos os dias apenas por serem quem são. A perseguição que ela sofre é, de alguma forma, o cotidiano enfrentado por tantas outras – em menores e/ou maiores dimensões. Além disso, a obra busca dar visibilidade a uma característica estrutural das sociedades patriarcais que praticamente não é debatida: o pacto de silêncio e de camaradagem que abandona e culpabiliza a vítima enquanto é permissivo, acolhe e defende o agressor.



Figura 1 – Cenas do filme *Corra, Querida Corra*. Fonte: Captura de tela realizada pela autora.

A nossa sociedade patriarcal possui raízes coloniais. Não estou dizendo que esse tipo de dominação não existia antes da invasão das Américas, contudo, o colonialismo “não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação” –

as incluindo as relações de gênero (Quijano, 2005, p. 219). A invasão do Novo Mundo reconfigurou não só a economia e a política mundial, ela também afetou a construção social e as subjetividades.

Trata-se de um processo que instaura um sistema-mundo que põe a figura feminina num lugar de “segunda categoria” – que piora quando atravessada pelo recorte de raça e classe (Quijano, 2005). *Corra, Querida, Corra* destaca-se por trabalhar questões oriundas desta sociedade patriarcal, violenta e misógina de maneira singular – recorrendo ao terror, ao horror e ao onírico, facetas do insólito.

James – o chefe branco e rico que finge empatia e simpatia – é quem oferta Cherie ao demônio Ethan. A entidade, sedenta por sangue e movida pelo desejo de dominação, concede poder e sucesso aos homens que recorrem a ela – basta ofertar-lhe uma mulher. Para os menos atentos, pode soar estranha e absurda essa narrativa. Mas, basta um olhar mais sensível para se recordar das recorrentes histórias de violência de gênero que ocorrem todos os dias nos mais diversos lugares do mundo.

Corra, Querida, Corra me fez recordar diversos desses casos estranhos e absurdos que acontecem em nossa realidade. O episódio de uma adolescente que foi ao encontro de um rapaz, com quem se relacionava havia três anos, e acabou dopada e estuprada coletivamente por ele e seus amigos; os crimes sexuais praticados pelo ex-magnata da Miramax Harvey Weinstein – e todo o silêncio e abafamento orquestrados durante décadas; o estupro coletivo cometido pelo jogador de futebol Robinho e seus amigos em uma boate em Milão – resultando no futebolista julgado e condenado, porém seguindo em liberdade no Brasil.

As ocorrências são muitas, não se esgotam, só aumentam e todas absurdas. Essa é a realidade e ela impregna nossas experiências. Ser mulher, numa sociedade pautada pela colonialidade, é desafiador e assustador. Somos vistas como presas, objeto de posse, vinculadas a um papel de submissão e subalternização. Quando não aceitamos esse papel recebemos ainda mais violência.

O projeto *tornar visível o invisível* não se limita a buscar materializar o surreal/absurdo que permeia a vida dos corpos lançados à margem. Ele também dialoga com a proposta de recuperar e/ou sustentar memórias que são alvo de históricos processos de apagamento por parte da hegemonia (Spencer, 2020). Essa ideia recorre à (re)construção, ao resgate, à manutenção e à exaltação dos saberes e afetos, memórias e narrativas gestados naqueles que se encontram nas margens – dando visibilidade.

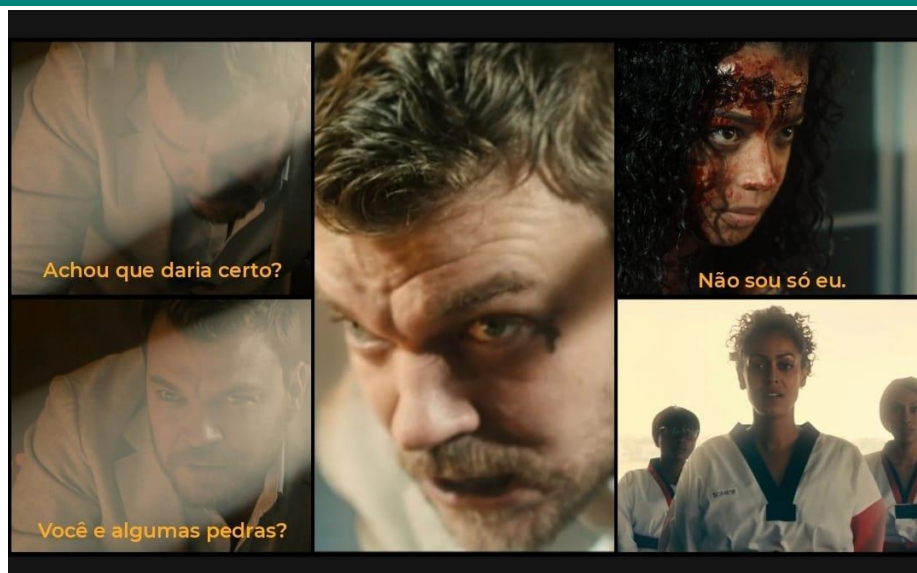


Figura 2 – Cenas do filme *Corra, Querida Corra*. Fonte: Captura de tela realizada pela autora.

Corra, Querida, Corra resgata e exalta a histórica força de reexistência que habita nós mulheres. Individualmente, personificada na figura da protagonista: uma mulher que não admite nenhuma possibilidade que não seja viver. E coletiva: materializada no encontro de Cherie com uma rede de mulheres sobreviventes do mesmo demônio. É desse encontro que a protagonista adquire o conhecimento necessário sobre Ethan e que surge a real chance de vencê-lo. O cruzo, o encontro e os seus poderes.

O cinema é um tipo de manifestação cultural que, assim como outras, pode e é cooptado pelas elites como uma ferramenta de manutenção do seu status quo. A cultura é uma das áreas por onde ocorre o processo de dominação, por isso, se faz tão importante disputá-la (Williams, 1979). Na disputa existe a chance da mudança. Uma disputa no campo da linguagem: usando o cinema como instrumento de visibilidade e de construção de um pensamento opositivo. Aproximando-se dos preceitos da desobediência epistêmica.

Existe um tipo de dominação do ser que ocorre por meio do uso das imagens. Elas preenchem as nossas vidas. Trata-se das imagens de controle: conceito elaborado por Patrícia Hill Collins para pensar a vida das mulheres negras estadunidenses. Proponho um alargar conceitual do termo para as experiências subalternizadas e marginalizadas.

São “símbolos que buscam restringir a autonomia” dos indivíduos, “utilizados como uma forma de naturalização das consequências do racismo [...], do sexismo”, das violências e opressões impostas aos corpos que habitam a fronteira (Bueno, 2020, p. 79). A exposição contínua a essas imagens doutrina nossas mentes fazendo com que aceitemos o discurso e a ideia da “inevitabilidade” (Bueno, 2020, p. 79) que acaba por estabelecer “barreiras estruturais nos mais variados campos, consolidando o status de pobreza e precariedade” (Bueno, 2020, p. 86).

As imagens de controle são “uma forma de despotencializar as lutas por direitos de grupos subalternizados” e marginalizados (Bueno, 2020, p. 97). Combater as imagens de controle através de uma disputa na linguagem é uma das formas de construir uma memória coletiva baseada nas subjetividades dos excluídos.

Em vez de reproduzir estereótipos e imagens de controle, *Corra, Querida, Corra* busca, de alguma forma, opor-se a elas. Ao tentar desafiar a narrativa dominante, que objetifica o corpo e a vida das mulheres, a obra constrói experiências femininas mais genuínas. Sua linguagem procura confrontar e desafiar o olhar do espectador, incitando reflexões sobre as dinâmicas de poder que operam em nossa realidade.

O longa-metragem destaca-se por sua habilidade em utilizar o onírico afro-surreal na construção de suas imagens e narrativa – numa tentativa de *tornar visível o invisível*. Por meio dessa abordagem, o filme adentra nos cantos mais profundos e simbólicos das experiências vividas diariamente por nós mulheres. O uso desse tipo de onírico não possui um caráter apenas estético, ele também é funcional.

Trata-se de uma ferramenta que revela as nuances e complexidades que permeiam a experiência cotidiana daqueles que são postos à margem, um expediente que materializa o surreal/absurdo que atravessa suas existências. O onírico afro-surreal tensiona os limites da realidade, sendo marcado por explorar “rupturas na temporalidade linear” e oscilar “entre o real e o fantástico” (Spencer, 2020, p. 42).

Em maior e/ou menor grau, trata-se de uma construção que transita entre dois polos: imagens verossimilhantes à realidade, constituídas por meio do suspense e do *realismo sensório* (Elsaesser, 2015) – que convocam os sentidos para a construção da narrativa –, e imagens que dialogam com o fantástico, o mágico, o estranho e o sobrenatural, constituídas a partir do *maravilhoso traumático* (Spencer, 2020, p. 49) – materialização do absurdo – constituído através do horror e do grotesco. Essa configuração “marca” o Afro-Surrealismo “como diferente de outras formas de ficção especulativa, incluindo a fantasia e a ficção científica” (Spencer, 2020, p. 49).

No contexto do filme, observo que existe uma recorrência de planos de andamento lento que exploram o ambiente em silêncio e aguçam os sentidos do espectador com um sentimento de que – como já diria Caetano – “alguma coisa está fora da ordem”. O uso desse recurso funciona como uma ferramenta que consegue cristalizar a sensação de medo e insegurança que permeia a vida das mulheres. Em contraposição, também é possível visualizar o uso de imagens que recorrem ao horror, ao mágico e ao fantástico – facetas do insólito – para conseguir materializar a monstruosidade masculina e toda a violência que a sociedade patriarcal carrega consigo.

Corra, Querida, Corra se destaca como uma obra que convida sua audiência a um mergulho nas águas profundas das relações de gênero. Não se coloca apenas como uma narrativa visual, mas também como um espaço discursivo construído onde o “horror” serve “para dramatizar ou expressar o mal-estar predominante” (Carrol, 1999, p. 293) de ser um subalternizado e marginalizado em uma sociedade opressora.

Algumas considerações

O trajeto realizado até aqui me fez compreender como *Corra, Querida, Corra* e o Afro-Surrealismo possuem atravessamentos. A partir das lentes dessa abordagem artística, emerge na obra – na narrativa e nas imagens – elementos que expõem e materializam a violência que estrutura a sociedade patriarcal, ao mesmo tempo que reivindica um espaço de reexistência.

Provoca reflexões sobre a misoginia, a violência de gênero e sua cultura do estupro, resgatando uma narrativa que acompanha o tempo, mas não é encarada: vivemos num mundo onde a dominação através das relações de gênero faz parte estrutural da manutenção da hegemonia. O longa-metragem, ao resgatar as narrativas femininas marginalizadas e invisibilizadas, desafia o raconto das classes dominantes que as subjuga e culpabiliza.

Partindo dessa perspectiva, observo como *Corra, Querida, Corra* utiliza o cinema para abordar questões que não estão no centro da pauta. Trata-se de uma construção fílmica que se utiliza da técnica e da linguagem cinematográfica para dar visibilidade a narrativas sufocadas e marginalizadas. Mais um atravessamento afro-surreal. Lutar e disputar no campo da linguagem e da estética.

Lutar e disputar é uma desobediência – principalmente se é esperado de você submissão. O uso do onírico afro-surreal é outro cruzo entre obra e abordagem artística. Ele proporciona profundidade às camadas da narrativa fílmica e das imagens, desafiando a mente, o olhar e as sensações do espectador.

É dele que emerge a cristalização daquilo que não é palpável e nem, necessariamente, visível – que passa a ter cor, som, ritmo e imagem. Através desse lugar, o filme não só revela as nuances do medo e da violência que permeiam a vida das mulheres, ele também desafia o espectador a encarar e confrontar essa realidade desconfortável.

Referências bibliográficas

Bueno, W. C. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019.

Carrol, N. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papyrus, 1999.

Collins, P. H. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

Debord, G. **A sociedade do Espetáculo**. Ebook. Coletivo Periferia, 2003.

Elsaesser, T. Cinema mundial: realismo, evidência, presença. In: Mello, Cecília (Org). **Realismo Fantasmagórico**. São Paulo: USP, 2015.

Francisco, T. Galeria Close-Up: A Sociedade Cinematográfica Afrosurrealista. **Câmera Negra**, vol. 5, n. 1, pp. 209-19, jan. 2013.

hooks, B. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

Jackson, J. A. **Henry Dumas: prophet of the afrosurreal renaissance**. Estados Unidos, 2019.

Miller, D. S. (org). "Manifesto Afro-Surreal: Preto é o novo preto – Um manifesto do século XXI". **San Francisco Bay Guardian**, v. 43, n. 34, 2009. Tradução de Yuri Costa. Disponível em: https://medium.com/@_eusouyuri/manifesto-afro-surreal-preto-%C3%A9-o-novo-preto-um-manifesto-do-s%C3%A9culo-xxi-4b984c995b65. Acesso em: 25 jan. 2024.

Mignolo, W. **Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF, Rio de Janeiro n. 34, p. 287-324, nov. 2008.

Quijano, A. **Colonialidad y modernidad/racionalidade**. Perú Indígena, Lima, v.12, n.29, p.11-20, 1992.

Spencer, R. **Afro-Surrealism: The African Diaspora's Surrealist Fiction**. Routledge, 2020.